

A RECIPROCIDADE ENTRE A FÉ ECLESIAL E A FÉ PESSOAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA PERICORESE INTRATRINITÁRIA

Cândido Julião Muvale*
Mercio José Cauduro**

Resumo: A fé cristã, que está fundamentada na Trindade, leva consigo marcas indeléveis da comunidade de fé. Por isso, o cristão, no seu único e peculiar ato de crer, está vocacionado e voltado para a Igreja – a comunidade de fé. Neste sentido, todo ato de crer que se desinteressa pela comunidade de fé é alheio à fé cristã; ou seja, todo tipo de fé cristã privada não só é antievangélico, mas também é antagônico à proposta de Jesus Cristo de formar um só corpo, vivendo o amor pericorético inspirado pela comunidade divina. Nesta senda, a comunidade de fé é essencial, pois é o berço da fé do cristão, dá rumo e sentido ao seu ato de crer e provê ferramentas necessárias para aprofundar a sua fé pessoal, mantendo-o focado no seu caminho de incessante busca existencial e antropológica. A fé eclesial não se opõe à fé pessoal do cristão e vice-versa. Antes, há interpenetração, entrelaçamento e in-habitação uma na outra; há pericorese entre a fé eclesial e a fé pessoal.

Palavras-chave: Santíssima Trindade. Pericorese. Fé eclesial. Fé pessoal.

THE RECIPROCITY BETWEEN ECCLESIAL FAITH AND PERSONAL FAITH: AN APPROACH FROM THE INTRATRINITARIAN PERICHORESIS

Abstract: The Christian faith, which is founded on Holy Trinity, bears with it indelible marks of the community of faith. For this reason, the Christian, in his unique and peculiar act of faith, is called and prone towards the Church – the community of faith. In this sense, every act of believing that is disinterested in the community of faith is unrelated to the Christian faith; that is, every kind of private Christian faith is not only anti-evangelical, it is

* Graduado em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa (CUEA) [Universidade Católica da África Oriental]. Atualmente é acadêmico do VI semestre do Curso de Teologia da Faculdade Palotina–FAPAS em Santa Maria, RS. E-mail: candido.muvale@gmail.com

** Doutor em teologia sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e professor do Curso de Teologia da FAPAS. E-mail: merciocauduro@terra.com.br

also antagonist to Jesus Christ's proposal to form one body, living perichoretic love inspired by the divine community. On this path, the community of faith is essential, because it is the cradle of the Christian's faith, it gives direction and meaning to his act of believing, provides necessary tools to deepen his personal faith, keeping him focused on his path of incessant existential and anthropological search. The ecclesial faith does not oppose the personal faith of the Christian and vice-versa. Rather, there is interpenetration, interlacing and in-habitation in each other; there is perichoresis between ecclesial faith and personal faith.

Keywords: Holy Trinity. Perichoresis. Ecclesial faith. Personal faith.

Introdução

Verifica-se, na contemporaneidade, um notável desencanto pela Igreja. Está cada vez mais crescendo e se tornando viral um grupo de pessoas que se consideram fiéis sem-igreja, com slogans tais como: “sim a Jesus, mas não à Igreja”, ou ainda, “sim a Deus, mas não à religião”. No mesmo intuito, há ainda casos de cismas não declarados, ou seja, desligamentos silenciosos e sorrateiros com a comunidade de fé. Está cada vez mais se tornando comum, por exemplo, ver comentários como o seguinte:

Não fui a nenhuma igreja no final de semana e, preciso ser sincero com você, não senti a menor falta. Estou bem com a minha opção atual, fazendo parte da 'Comunidade Virtual Webiana', e assim vou me alimentando aqui e ali com algumas mensagens em mp3 e participando de fóruns de discussão on-line. É um caminho de sobrevivência. Sinceramente, não acredito mais na proposta de ser igreja (BOMILCAR, 2012, p. 15).

Neste contexto, ser Igreja parece uma utopia ou uma prática arcaica que não mais fascina. A Igreja não é mais vista como “sacramento de salvação” (LG, n. 48); antes, ela é considerada “mais como obstáculo do que como ajuda no caminho para a fé em Jesus Cristo” (BARREIRO, 2001, p. 31);

ela já não é mais “um sinal para as nações [e/ou um ‘estandarte elevado no meio das nações’]” (Is 11,12; cf. 49,22; DH 3014), mas uma “pedra de tropeço e rocha de escândalo” (Is 8,14) para os cristãos. Assim, fala-se de um cristianismo fora da Igreja. Aliás, existe inclusive “quem considera como uma das tarefas mais importantes da fé justamente a crítica e a oposição à Igreja” (BARREIRO, 2001, p. 31). Vê-se aqui, diga-se, um flagrante confronto entre a *fides quae* e a *fides qua*. Deveras, o que está em causa é que a comunidade de fé é contraposta e, ao mesmo tempo, considerada desnecessária e dispensável para a vivência pessoal da fé cristã.

Nesse interim, dado que na dinâmica do amor pericorético cada Pessoa da Trindade é inconcebível fora da comunhão, o que a pericorese, como ‘interpenetração e in-habitação de vida entre as pessoas’, pode iluminar na relação entre a fé da Igreja (fé objetiva) e a fé pessoal (fé subjetiva)? É compreensível uma busca isolada de fé cristã descomprometida com a comunidade? A fé cristã como dom de amor, não é nutrida dentro do amor e, por isso, requer um contexto de amor? Portanto, este artigo visa propor a pericorese – o amor intradivino – como fundamento e ponte de união entre a fé da Igreja e a fé pessoal. Assim, nesse percurso, apresentar-se-á, primeiramente, o problema do desencanto pela convivência eclesial. A seguir, serão articuladas as consequências da fé desprovida da dimensão comunitária. Por fim, será abordada a relação pericorética entre a fé pessoal e a fé eclesial.

1 O desencanto pela convivência eclesial

É importante pontuar de início que o desencanto pela comunidade não é uma novidade para o cristianismo, pois já existia nas primeiras comunidades cristãs. Basta lembrar o que o autor da Carta aos Hebreus (10,25) dizia aos seus destinatários: “Velemos uns pelos outros para nos

estimularmos à caridade e às boas obras. Não deixemos nossas assembleias, como alguns costumam fazer. Procuremos, antes, animar-nos sempre mais...”. Ademais, o desencanto pela comunidade de fé, a Igreja, não é um fato abrupto, mas um caminho processual e, às vezes, com fases e níveis diversos, como verificou Barreiro:

Devemos notar que o afastamento da Igreja institucional não significa necessariamente para os seus protagonistas um afastamento do cristianismo como tal. Às vezes é até vivido subjetivamente como uma descoberta de relação pessoal com Jesus e como um crescimento na entrega a ele. Também os seguidores do programa: ‘Jesus, sim; Igreja, não’, não se situam, pelo menos no começo, expressamente *contra* a Igreja, mas só *sem* a Igreja. Os motivos imediatos do seu afastamento consistem fundamentalmente na insatisfação com a maneira de viver o cristianismo nas Igrejas tradicionais e na busca de uma adesão a Jesus livre do legalismo e das estruturas institucionais. Mais cedo ou mais tarde, porém, acabam adotando não raras vezes atitudes e comportamentos anticlericais (2001, p. 32).

Na verdade, a Igreja ao longo da sua história foi se defrontando com casos dessa natureza. Tais casos motivaram discussões pertinentes acerca da relação entre Jesus Cristo e a Igreja. Assim, na ótica de Barreiro, a busca por um cristianismo fora da Igreja remete também “às discussões exegéticas dos séculos XVIII e XIX sobre a relação entre Jesus e a origem da Igreja e sobre a relação entre o ‘Jesus histórico’ e o ‘Cristo da fé’” (2001, p. 33). Os elementos desses pares recíprocos foram contrapostos uns aos outros, como se fossem dois opostos antagônicos e irreconciliáveis: Jesus Cristo contra a Igreja e o Jesus histórico contra o Cristo da fé. Do mesmo modo, Barreiro esclarece ainda que:

A tendência dominante ao longo desses dois séculos de história da exegese, no que diz respeito à relação entre Jesus e a Igreja institucional, foi a de separar os dois e conceber a Igreja, com seus dogmas, sacramentos, culto e leis, como uma degeneração e traição do verdadeiro Jesus e da sua pregação do Reino. Essa mesma convicção é o pressuposto do programa: 'Jesus, sim; Igreja, não'. A consequência desse pressuposto é o postulado de que Jesus pode e deve ser buscado fora da Igreja (2001, p. 33).

Outrossim, nestes séculos (e nos séculos subsequentes), houve grandes transformações no mundo, impulsionadas pelo progresso tecnológico-científico, explosão demográfica, urbanização, secularização, ateísmos práticos e teórico-militantes, por diversos tipos de neopaganismo, pelas formas fanáticas e sectárias de religiosidade de origem recente e pelo indiferentismo religioso. Por isso, essas transformações sociais entraram também na agenda do Concílio Vaticano II. Sem dúvidas, este Concílio procurou promover várias renovações nas diferentes áreas da Igreja, na doutrina e na mentalidade eclesial, visando fazer um *aggiornamento* segundo os sinais dos tempos, promovendo reforma das instituições e mudança de costumes, baseado em dois principais princípios: voltar às fontes e usar a misericórdia, e não mais a condenação, como a mola propulsora da vivência *intra* e *extra* eclesial.

No mesmo interim, vale ainda ressaltar que o processo de afastamento da comunidade é também ativado por uma experiência ou um acontecimento, grande ou pequeno, no seio da Igreja, que, quando não resolvido, gera crise de fé no cristão. Sem uma resposta satisfatória, a crise, de forma progressiva, vai se acentuando e se convertendo em afastamento silencioso e sorrateiro. Entre vários casos que podem ser ilustrados, importa apresentar o "terceiro homem" que surgiu depois do Concílio Vaticano II. Esse 'homem' não se identificou nem com os conservadores e

nem com os progressistas¹; os seus questionamentos são de outra ordem e demonstram uma mentalidade eclesiológica peculiar, assim como observou Barreiro:

‘O terceiro homem’ distingue entre a fé em Deus e em Jesus Cristo e a fé na Igreja, entendida sobretudo como instituição hierárquica e cútica. Posto que a Igreja se autocritica e se converte, como mostrou no Concílio [Vaticano II], não se deve acolher como absoluto o que ela afirma hoje, pois pode ser abandonado amanhã. Em vez de obedecer cegamente a uma fé e a uma prática ditadas e impostas por outrem, sentidas sobre os próprios ombros como um peso, é a consciência de cada cristão que deve decidir o que é verdadeiro e o que é falso (2001, p. 22).

Ademais, é também possível que os grandes escândalos e os desvios sexuais que envolveram o clero nas últimas décadas tenham agudizado o desencanto pela convivência eclesial. Diante disso, possivelmente alguns cristãos começaram a suspeitar dos ministros ordenados. Consequentemente, esses cristãos começaram a buscar experiências religiosas profundas e radicais fora da Igreja institucional. Nesse mesmo prisma, Barreiro (2001, p. 23) acredita que desde então “o afastamento da Igreja não se dará mais na forma da oposição ou do abandono público, como no passado, mas na forma discreta e tranquila do desinteresse. O que, em certo sentido, é mais grave”.

Dado que o cristão suspeita da Igreja, ele se ancora na sua própria consciência e nos argumentos que pessoalmente vai adquirindo para avaliar, validar, tomar posição e agir em determinadas situações. Nesse percurso, já sem amparo da Igreja, ele pode adotar, por exemplo, uma postura probabilista, acreditando que “deve-se seguir uma opinião que seja

¹ Muitos historiadores afirmam que durante o Concílio Vaticano II havia ‘dois partidos’ ou duas tendências: “Uma mais preocupada em ser fiel aos enunciados tradicionais [tendência conservadora], outra mais atenta à difusão da mensagem ao homem contemporâneo [tendência progressista]” (MATTEI, 2012, p. 242).

ao menos provável” (MOSER; LEERS, 1987, p. 35), ou ainda, que mais valeria “seguir como norma moral qualquer opinião, desde que ela gozasse de mínimo de probabilidade, ou mesmo que se apoiasse em um só autor” (ORDUNA; BARTRES; AZPITARTE, 1983, p. 35). No entanto, BARREIRO nota ainda que:

Talvez um ponto mais delicado e mais difícil na relação dos cristãos de hoje com a Igreja é o da pertença eclesial. Eles sentem a necessidade de viver a dimensão comunitária da fé, de ser Igreja, mas não o conseguem. As causas que estão na origem da atual desafeição eclesial e que dificultam a vivência da pertença à Igreja são muito variadas e complexas: históricas, conjunturais, pessoais, etc. Uma das maiores é, sem dúvida, a falta de uma efetiva participação e corresponsabilidade na Igreja (2001, p. 24).

Deste modo, é necessário frisar que a fé é performativa e, quando colocada em prática, ela fortalece o sentimento de pertença, de comunhão e colaboração, de zelo e corresponsabilidade, de sinodalidade e de adesão consciente do cristão ao projeto salvífico de Jesus Cristo. Ademais, o enfraquecimento do sentimento de pertença à Igreja é também devido a perda de referências. Muitos cristãos buscam informações sobre a Igreja nos gurus da web – os *influencers* (influenciadores) – que se transformaram em referências de religiosidade. Os cristãos, então, se dirigem a estes ‘cyber-autoridades religiosas’ a expensas das comunidades eclesiais. As redes sociais são, agora, os novos lugares onde as pessoas também buscam vivenciar e expressar a sua fé, espiritualidade e religiosidade, muitas vezes, sem as ‘constrições’ da Igreja institucional.

É uma obviedade o fato de que o advento da internet trouxe um festival de vantagens e potencialidades para a humanidade em todos os estratos sociais, inclusive na esfera religiosa. Juntamente com a internet, também vieram as redes sociais que já são as novas praças da sociedade onde se dá a socialização e onde as pessoas são facilmente encontradas.

Certamente os cristãos são também transeuntes dos bosques da web e aventureiros das veredas das mídias sociais. A internet oportunizou a conectividade fazendo do mundo uma “aldeia global”, unindo o mundo físico e o mundo virtual. Agora, o mundo passou de globoesfera para ‘webesfera’, do mundo físico para o mundo ‘cyberfísico’. Outro ponto adjacente é que estas praças virtuais são, deveras, fundamentais na vida social atual, apesar de alguns defeitos encontrados como, por exemplo, o *cyberbullying*, as *fake news*, a exacerbação da cultura do descartê, a idolatria da imagem, a utópica pretensão de satisfazer o abismo dos desejos.

As redes sociais têm servido também de vitrines de vaidade e vanglórias, assim como palcos de espetáculos e exibicionismo. Na mesma senda, Laende (2004) notou que a realidade virtual, por sua vez, “facilita e energiza a mistura hipercomplexa de pessoas, capital e informações, provocando dessa maneira uma profusão, uma exuberância de informações que os habitantes da nossa sociedade têm que processar”. Este fenômeno influencia a cosmovisão da pessoa e coloca em xeque os pilares da formação da sua identidade, pois, para tirar o significado a partir de uma avalanche de informações que consome, a pessoa, continua Laende (2004), “teve que adotar uma linguagem única, globalizada, gerando como consequência uma perda de sua identidade cultural, dos regionalismos, das particularidades que o diferenciavam do outro”. Além de limitar a vivência de profundidade e alimentar a superficialidade, agora, por causa deste fenômeno, não são mais só os pais, nem apenas a família, nem mesmo somente o contexto cultura local, mas todos, até mesmo estranhos (de outras culturas, religiões, mentalidades e estilo de vida), que mesmo sem contanto físico, se tornaram agentes de formação da personalidade, da espiritualidade e da religiosidade. Na sociedade atual, todos formam a personalidades de cada um e cada um forma a personalidade de todos.

Todos ensinam e todos aprendem. Sobre esse ponto, Miranda (2013, p. 9) afirma,

Viu-se questionada para muitos a imagem tradicional de uma Igreja que, em sua vida e em sua proclamação, desempenhava o papel de educadora da humanidade, de guardiã dos valores substantivos, de instância crítica diante da sociedade pressionada pelo individualismo e pelo consumismo.

Diante dessa realidade, surgem novos questionamentos que geram nova mentalidade do cristão: “por que a mensagem evangélica, se é universal, não se irradia para além do círculo da comunidade cristã; por que a doutrina católica, se é tão profunda e coerente como se pretende, não aparece como uma palavra nova e atraente para os de fora?”; e ainda, o cristão “pergunta-se também honestamente sobre o que o distingue dos que não creem” (BARREIRO, 2001, p.23) e, se possível, como viver a santidade e testemunhar Cristo no mundo virtual? Assim, esses cristãos têm buscado por novas estradas e novos horizontes para testemunhar o evangelho. Nesse itinerário de busca subjetivo de Jesus fora das estruturas eclesiais e de viver o cristianismo apartado das formulações dogmáticas e doutrinárias objetivas, eles partem rumo à web, começam a consumir, muitas vezes sem criticamente questionar, tudo o que aparece por lá. Nesta esteira, diga-se, os cristãos transferiram a sua fé da autoridade da Igreja institucional para a fé na autoridade dos gurus da web. No entanto, constata Barreiro que

A nova situação, porém, faz emergir nele uma nova forma de mal-estar. Por um lado, sente-se enraizado na sua tradição cristã e não quer renegá-la; por outro lado, sente-se mais próximo dos de fora do que dos de dentro. A oposição entre esses sentimentos causa-lhe desconforto (2001, p. 23).

Na web, porém, ele encontra comunidades de indivíduos que estão no mesmo barco remando mar adentro, em busca de experiências semelhantes: viver o cristianismo fora dos muros e estruturas da Igreja. Sabendo da busca de um e de outro, emerge, então, a identificação. Ao se identificarem, eles aproximam-se um de outro (não fisicamente, mas de forma virtual), e começam a formar comunidades, muitas vezes fechadas, ou seja, tribos. Desta forma, inicia um novo reagrupamento social: o assentamento ou organização em tribos (virtuais) – o neotribalismo.

Muitos autores afirmam que por volta da segunda metade do século XX, se tornaram virais alguns ideais pós-modernos que traziam consigo, como em cavalo de Tróia, o relativismo fundamental, as multiplicidades culturais, o pluralismo epistemológico, o ceticismo em relação à autoridade, a desconstrução das estruturas pré-estabelecidas e a incredulidade em relação a ‘meta-narrativas’ – a ‘grandes ideias’. No entanto, mesmo com liquidificação e mercantilização das relações interpessoais com a vinda destes fenômenos e da internet, o gregarismo humano não ficou apagado completamente. Ainda vale lembrar que neste novo estilo de gregarismo social do ser humano, conforme explica Carvalho (2010, p. 79), “antes de qualquer proximidade geográfica ou de uma organicidade relacional, o impulso motivacional das relações contemporâneas se deve à identificação com alguma ideia, algum gosto, enfim, a uma identidade”. As comunidades humanas, na atualidade, são construídas no espaço cibernético oportunizado pela internet. Assim, o ciberespaço definitivamente tem grande impacto no modo de ser socialmente e conseqüentemente, no modo de ser cristão no hoje da história.

Podemos ver nas comunidades do ciberespaço a aplicabilidade do conceito de sociedade tribal, presenteista e estética, definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas. A cibercultura, em todas suas expressões é, precisamente, esta *'realiance'* social potencializada pela tecnologia micro-eletrônica (LEMOS apud CARVALHAL, 2010, p.79).

Assim, não se pode falar de 'descomunitarização', mas sim de reformulação comunitária. Neste novo estilo de reagrupamento social, Carvalho (2010, p. 76-77) enfatiza que nos grupos atualmente constituídos, o que importa "não são mais os relacionamentos diretos e de grupos organicamente constituídos e unidos, mas sim grupos ligados às mesmas vontades e que possuem uma mesma identificação". Em outras palavras, a sociedade hodierna está cada vez mais se agrupando em tribos. Na verdade, essas tribos são principalmente "um agrupamento social pela identificação com milhares de tribos que existem na sociedade, ou seja, como pessoas que se identificam não com algum grupo funcional, mas sim, com algum gosto, algum costume..." (CARVALHAL, 2010, p. 77). Castells acredita ainda que

As pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural comunitária (apud CARVALHAL, 2010, p. 82).

Neste sentido, os cristãos, mesmo querendo viver um cristianismo fora da Igreja, sabem que não podem fazê-lo sozinhos. Eles precisam de uma comunidade, de pessoas com as quais possam partilhar e celebrar sua fé. Contudo, Carvalho (2010, p. 82) nota que nestas tribos a "força comunal não seria mais baseada na organicidade, mas na reciprocidade de valores e interesses que podem se solidificar com o passar do tempo", a tal pique que "o que nos parece ser uma opinião individual é, de fato, a opinião de tal

ou tal grupo ao qual pertencemos” (MAFFESOLI apud CARVALHAL, 2010, p. 77). Sem quaisquer resquícios de interações intensas, contíguas, permanentes e profundas, “o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI apud CARVALHAL, 2010, p. 78). Estas experiências se refletem nas comunidades cristãs e dificultam a convivência, a estabilidade e o fascínio pelo estilo tradicional da comunidade eclesial. Por conseguinte, apartado da Igreja em busca da espiritualidade cristã pessoal e livre da doutrina da Igreja, o cristão ambulante, como consequência, deve enfrentar um novo fenômeno: uma fé a-eclesial com características a-trinitárias e a-históricas.

2 A Fé cristã a-eclesial: uma fé a-trinitária e a-histórica

Depois de tratar sobre possíveis causas do abandono da Igreja em busca de uma espiritualidade cristã privada, é oportuno falar sobre os efeitos desse abandono. A fé vivida fora da Igreja tem suas particularidades, como por exemplo, ausência da inspiração trinitária e falta do sustento histórico. A fé a-trinitária e a-histórica, assim sendo, pode ser comparada a um canto de sereia porque ela atrai, seduz e manipula a mente dos navegantes solitários – dos cristãos que caminham pelos rochedos de um cristianismo fora da Igreja. A fé carente da sombra eclesial é um harmonioso canto propício para confundir aquele que busca Jesus Cristo por caminhos privados. Estes cristãos, muitas vezes, não resistem a este canto, pois eles são vulneráveis dado que a sua espiritualidade cristã não tem raízes trinitárias, não está estribada na história e na Tradição cristã e não tem amparo da comunidade de fé – a Igreja.

O desencanto pela Igreja enfraquece também a espiritualidade do cristão, pois, mesmo que tal espiritualidade cristã pessoal se mostre, num primeiro momento, vigorosa, profícua e eficaz, sempre estará à deriva e à

mercê do acaso; e ela, por si só, não chega à profundidade da proposta evangélica que Jesus Cristo deixou aos seus, pois a fé cristã sempre remete à comunidade de irmãos e irmãs que professam a mesma fé, e não necessariamente à comunidade de indivíduos que comungam os mesmos interesses e ideias. A fé cristã vem antes das ideias e interesses pessoais; ela permeia, fecunda e amplia estes interesses e costumes para estarem em conformidade com o plano de Deus e a serviço da humanidade.

Ademais, ao falar de fé cristã a-trinitária, fala-se de uma espécie de monoteísmo que deixa cair no olvido o mistério da Trindade. E, uma fé que deixa a Trindade no banco de reservas não é uma fé cristã autêntica. Nesta mesma ótica, Moltmann avança e afirma que o “monoteísmo a-trinitário [...] é responsável pela crise de identidade do cristianismo” (apud REINERT, 2021, p. 23). Quando o mistério da Trindade não está no centro da vivência cristã, registram-se excessos extremistas, tais como: atitudes espiritualizantes, maneiras puramente devocionais, pensamentos puramente racionais, mentalidades maximalistas, procederes minimalistas e consciências ‘eclesiofóbicas’, que têm repercussões eclesiais, religiosas, pastorais e sociais para a fé cristã. Este exílio da Trindade, segundo Reinert (2021, p. 24), é provocado pelas tentativas pessoais de espiritualidade marcadas por

Devoções confusas ou quase exclusivistas a apenas uma das Pessoas da Santíssima Trindade, seja nas formulações teológicas, e ainda em muitas outras manifestações aqui e acolá que distanciam a vida cristã de sua fonte, apresentando ao mundo um Deus solitário, sozinho, sem comunhão de Pessoas divinas.

Assim, quando se tem a imagem de um Deus solitário, desinteressado com a comunhão se repercute também no modo de viver a fé cristã. O cristão começa a buscar vivenciar “uma religião somente do Pai, ou do Filho ou do Espírito, isto é, de um cristianismo a-trinitário, sem ser

vivido a partir da comunhão das Pessoas divinas” (REINERT, 2021, p. 24). Ainda segundo Reinert, por um lado, na religião somente do Pai, além da monopolização e centralização do poder das decisões, há também a concepção de uma Igreja piramidal e não sinodal e o sacerdócio comum de todos os fiéis é também esquecido. Em outros termos, “há pouco espaço à diversidade, à colegialidade, à sinodalidade, à escuta do Espírito e à escuta das interpelações do profetismo de Jesus de Nazaré” (REINERT, 2021, p. 25).

Na religião somente do Filho, “Jesus se converte numa figura tapaburaco, *self service*, num milagreiro sem compromisso histórico, alheio à história e à vida das pessoas” (REINERT, 2021, p. 25). Esta atitude traz à memória o pensamento de muitos israelitas que esperavam um Messias político que os libertasse do governo opressor dos romanos. Por essa razão, eles esperavam uma grande figura real e militar, que iria dominar seus inimigos e restabelecer o reinado de Davi sobre Jerusalém. Mas Jesus não é um milagreiro, um curandeiro, um padeiro filantrópico que apenas distribui pão gratuitamente. Ainda, longe de abraçar o papel de líder político, ele trabalhava para reconfigurar as expectativas messiânicas através do exemplo do serviço e do sofrimento. A concepção messiânica do Evangelho de Marcos, por exemplo, é, basicamente, a de um messias às avessas de toda expectativa puramente humana, mercantil, e triunfalista.

Ademais, a religião só do Espírito Santo, adverte Reinert, pode conduzir ao desencanto pela Igreja e a uma anarquia transvestida de fidelidade.

A religião só do Espírito conduz à falta de critérios eclesiológicos ou pastorais, podendo beirar à anarquia ou ao individualismo exacerbado em que cada um sente-se dono do Espírito, querendo aprisioná-lo nos próprios esquemas religiosos. Na religião somente do Espírito, Ele, que é o protagonista dos dons, não sopra onde quer, mas onde se deseja que Ele sopra, e muitas vezes a partir dos desejos individualistas (2021, p. 25).

Quando o cristão perde os critérios eclesiológicos da sua fé, ele perde também as suas raízes. A convivência eclesial é o contexto vital da fé do cristão e é a sua sombra de refúgio. A fé cristã é um dom, uma graça, uma função que se vivencia dentro da Igreja; ou seja, a Igreja é o “lugar comunitário no qual se realiza o ato de fé [...] a Igreja é vista [e de fato é] como a matriz, como o húmus e o *habitat* onde nasce, cresce e dá frutos a fé dos cristãos” (BARREIRO, 2001, p. 69). Nesse interim, a Igreja vai providenciar ao cristão o princípio hermenêutico: um método para interpretar e viver a sua fé à luz da Revelação; a fonte primária, isto é, a Sagrada Escritura juntamente com a Tradição; as fontes secundárias, como os Concílios, os Padres e Doutores da Igreja, o Magistério; o ambiente – o contexto vital; a certeza da veracidade das suas descobertas. Deste modo, a Igreja, longe de aprisionar o cristão, ela o liberta do arbítrio do pensamento (em forma de soberba intelectual), do sentimento de insegurança, incerteza e dúvida, munindo-o com as ferramentas necessárias para o seu aprofundamento, a sua busca e vivência.

Ademais, a fé cristã não ignora a história. Aliás, sobre isso já alterou o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* (n. 179):

Já me aconteceu ver árvores jovens, belas, que elevavam seus ramos sempre mais alto para o céu; pareciam uma canção de esperança. Mais tarde, depois duma tempestade, encontrei-as caídas, sem vida. Estenderam os seus ramos sem se enraizar bem na terra e, por ter poucas raízes, sucumbiram aos assaltos da natureza. Por isso, custa-me ver que alguns propõem aos jovens construir um futuro sem raízes, como se o mundo começasse agora. Com efeito, ‘é impossível uma pessoa crescer, se não possui raízes fortes que a ajudem a estar firme de pé e agarrada à terra. É fácil extraviar-se, quando não temos onde agarrar-nos, onde firmar-nos’.

A fé cristã a-histórica tem o mesmo perigo; o de desconstruir a estrutura da fé e arrancar a fé do cristão do seu contexto histórico. Isso deixa o cristão sem terra para se firmar, sem saber de onde veio, onde está e para onde vai. São Paulo na sua Carta à comunidade de Éfeso escrevia sobre a importância de se manter firme na comunidade de fé, para não se tornar uma folha de árvore que obedece a qualquer direção do vento: “Assim, não seremos mais crianças, brinquedos das ondas, agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro” (Ef 4,14). No mesmo prisma, o Papa Francisco continua escrevendo:

Pensai bem! Se uma pessoa vos fizer uma proposta dizendo para ignorardes a história, não aproveitardes da experiência dos mais velhos, desprezardes todo o passado olhando apenas para o futuro que essa pessoa vos oferece, não será uma forma fácil de vos atrair para a sua proposta a fim de fazerdes apenas o que ela diz? Aquela pessoa precisa de vós vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, para vos fiardes apenas nas suas promessas e vos submeterdes aos seus planos. Assim procedem as ideologias de variadas cores, que destroem (ou desconstroem) tudo o que for diferente, podendo assim reinar sem oposições. Para isso, precisam de jovens que desprezem a história, rejeitem a riqueza espiritual e humana que se foi transmitindo através das gerações, ignorem tudo quanto os precedeu (CV, n. 181).

Deste modo, a fé da Igreja pode ser distinguida do ato de fé do cristão e vice-versa. Porém, não pode haver separação entre a fé da Igreja e a fé do cristão sob o risco de, ou a fé da Igreja, embora sempre maior e anterior à fé do cristão, permanecer estagnada e desatualizada e, portanto, irrelevante para o mundo; ou a fé do cristão se tornar descontextualizada, sem raízes históricas e, por isso, efêmera, vulnerável, à beira da rua e pronta para ser arrancada ou queimada pelo sol das adversidades e vicissitudes. Assim, a pericorese se faz necessária para unir, entrelaçar e comungar estes dois níveis do crer.

3 A relação pericorética entre a fé pessoal e a fé eclesial

Depois de falar sobre algumas causas e alguns efeitos do abandono da Igreja, se faz necessário falar, a seguir, sobre a interpenetração mútua e o entrelaçamento recíproco entre o ato de crer do cristão e a fé eclesial. A interpenetração pericorética visa ultrapassar os resquícios da eclesiofobia, do eclesiocentrismo, do subordinacionismo e do intimismo da fé. Deste modo, a fé eclesial é um crer coletivo, mas subjetivado; e a fé pessoal é um crer subjetivo, mas participado. Esta relação está fundamentada e é impulsionada pela pericorese. A fé pessoal está em harmonia com o '*sensus fidelium*', o 'senso da fé' ou o 'senso (instinto, percepção, convicção, etc.) dos fiéis'. Trata-se de um

Conhecimento da ordem do irreflexo, acategorial ou antepredicativo, que faculta ao Povo de Deus um juízo correto sobre as coisas da fé. É um saber sobrenatural, um conhecimento pneumático ou espiritual, no sentido de que procede do Espírito (BOFF, 1998, p. 425).

Desse modo, "a totalidade dos fiéis, que receberam a unção que vem do Espírito Santo [...], não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro" (LG, n. 12). Ao deixar-se instruir pelo Espírito Santo, a Igreja se torna 'Povo-discípulo de Deus'. Em outras palavras, a fé pessoal deve estar inserida na comunidade de fé e não alheia a ela; a partir e sobre a fé da comunidade, o cristão deve crescer na sua resposta pessoal do chamado de Deus à santidade. Por isso, numa mensagem aos jovens indígenas reunidos no Panamá, o Papa Francisco exortava-os a permanecerem firmes nas suas raízes: "'Assumi as vossas raízes!' Mas não vos limiteis a isto. 'A

partir destas raízes, cresci, floresci, frutifiquei”². Neste sentido, a partir das raízes, que é a comunidade de fé, cada cristão deve aprofundar a sua adesão à proposta de Deus; cada um deve cuidar da sua fé, fazendo-a crescer, florescer e frutificar; ou seja, não se contentar com o comodismo e a mesmice que gera mediocridade (‘anemia’) espiritual.

Por outro lado, a comunidade de fé facilita o processo de crescimento da pessoa. Como diz Bomilcar (2012, p.10), “ao viver em grupo [na Igreja], em meio a interações e vínculos fortes, descobertas acontecem, o amadurecimento é inevitável e nos revelamos e conhecemos melhor”. Na Igreja todos crescem à medida que cada um partilha a sua fé e espiritualidade e as coloca em prática, a serviço de todos. Por isso, para Junior (2018), não há como dizer “sim a Jesus, não à Igreja”, pois seria o mesmo que dizer a Jesus: “Eu te amo, mas não gosto da sua noiva”, ou “Eu Te aceito, mas rejeito Teu corpo”. Ainda para Junior, deixar de se reunir ou de pertencer à comunidade de fé é o primeiro sintoma do declínio espiritual: “da mesma forma que um órgão quando desligado do corpo, ele murcha e morre, pois não pode existir por si mesmo, você também estando desligado da vida da igreja, sua vida espiritual fenece e acaba por deixar de existir”. Ademais, Miranda (2013, p. 11) é categórico ao afirmar que não existe um cristão isolado:

Pelo fato de sermos cristãos estamos necessariamente vinculados a uma comunidade de homens e mulheres que professam a mesma fé. Pois tudo o que sabemos de Deus, de Jesus Cristo, da mensagem evangélica, da oração, dos sacramentos, nos foi transmitido por essa comunidade eclesial, da qual fazem ou faziam parte nossos pais, nossos parentes, nossos educadores, padres e leigos/as, enfim todas as pessoas que foram significativas em nossa vida.

² Vídeo-mensagem para o Encontro Mundial da Juventude Indígena, no Panamá (17-21 de janeiro de 2019).

Por isso, diga-se “sem essa Igreja, as palavras e os gestos de Jesus, sua pessoa e sua missão, sua memória enfim, diluir-se-iam num passado cada vez mais longínquo. Jesus Cristo deixaria de ser uma figura viva” (BARREIRO, 2001, p. 34). Neste sentido, Jesus Cristo continua vivo no seio da comunidade quando esta celebra a sua fé na liturgia, ao interpretar, atualizar, viver, testemunhar as suas palavras; ou seja, ao celebrar em sua memória, a comunidade presentifica a sua obra salvadora e o seu amor pela humanidade. Na mesma linha, Barreiro (2001, p.34) continua dizendo que “tudo o que sabemos sobre Jesus Cristo o sabemos pela Igreja. Foi no seio das comunidades cristãs, a partir delas e para elas, que foram escritos os Evangelhos e todos os outros livros do Novo Testamento”. Todo esse conteúdo e tesouro da fé foram transmitidos de geração em geração, às vezes testemunhados com o sangue, suportando ameaças, humilhações e tantas outras dificuldades. Nesse contexto, Müller reitera que

A tradição do que é propriamente ‘Jesus’ não pode ser pensada sem o fator ‘Igreja’, porque esse ‘Jesus’, como conteúdo da tradição-de-Jesus só foi conservado de maneira permanente pela Igreja, devido ao interesse eclesial por ‘Jesus’. Um ‘Jesus’ sem ou fora da Igreja nunca existiu e em última instância nunca poderá existir, porque com a perda da ‘Igreja’ também se perde a única instância que é capaz de testemunhar quem é ‘Jesus’ e o que ele significa. Isto porque toda a linguagem do Novo Testamento é uma ‘linguagem testemunhal’, inclusive os *logia* de Jesus. Quem, portanto, não ouve essa linguagem do testemunho eclesial, também não ouve ‘Jesus’ (apud BARREIRO, 2001, p. 33).

Portanto, a fé pessoal e a fé da Igreja devem andar de mãos dadas para o mútuo enriquecimento e crescimento, assim como ensinam as Três Pessoas divinas no seu amor pericorético, intradivino. Reinert (2021, p. 19) afirma que “quanto mais trinitário [ou pericorético] o cristianismo se configurar, tanto mais pertinente será à atual sociedade, marcada sim pelo individualismo, mas sedenta de fraternidade, de convivialidade, de amor”.

Neste sentido, Boff (1999, p. 189) nota que “na Trindade santa não há a dominação a partir de um polo, mas a convergência dos Três numa recíproca aceitação e doação. São diferentes, mas ninguém é maior ou menor, antes ou depois do outro”.

Na Trindade não existe superioridade hierárquica; cada Pessoa busca a glória da outra, e, conseqüentemente, render louvores a um é render louvores aos três: “quem rende glória ao Pai o faz pelo Filho no Espírito Santo; quem segue a Cristo, o faz porque o Pai o atrai e o Espírito o impulsiona” (CIC, n. 259). Deste modo, se mesmo aquele que chama ou vocaciona o cristão à santidade é Deus-comunidade, porque responder ou viver esse chamado de forma isolada? Deus salva as pessoas formando comunidade, conforme notou Füglistler que Deus chama, congrega e convoca o ser humano a uma comunidade concreta – ‘comunidade de Deus’: “nela, [Deus] se presencializa, para se lhe comunicar pessoalmente por sua palavra reveladora e seus sacramentos santificantes” (1975, p. 28); a comunidade, neste caso, é *Familia Dei*. Da mesma forma, Berdiaiev frisa que

A verdade moral e religiosa mais elevada de que tem de deixar compenetrar-se o homem é a de que a salvação individual é impossível. A minha salvação supõe a dos outros, a dos meus próximos, a salvação universal, a salvação e transformação do mundo inteiro (apud FÜGLISTER, 1975, p. 12).

Há necessidade, portanto, de crescer na consciência de que “no meio da ‘comunidade’ e para ‘a comunidade’ revela-se Javé, manifestando [...] a sua vontade” (FÜGLISTER, 1975, p. 27). Os dons e os carismas concedidos aos indivíduos não são privilégios ou dotes particulares, mas estão em função da comunidade. Deus se manifesta a uma pessoa particular em função do coletivo. Assim foi com os reis, profetas, sacerdotes, patriarcas; assim também é com os cristãos. Deve-se evitar, portanto, todo tipo de

monopólio e polarização dos carismas carregados de tensões, onde cada um se sente detentor autossuficiente de toda força do Espírito Santo, sem necessitar, por isso, da complementaridade dos carismas concedidos aos outros membros da comunidade.

Outrossim, embora a Igreja tenha precedência por possuir o depósito de fé, ela não está em antítese e nem em justaposição com a fé pessoal do cristão, pois ela está fundamentada no amor pericorético da Trindade Santa. Deste modo, dado que a “pericorese significa conter um ao outro, inabitar (morar um no outro), estar um no outro” (BOFF, 1999, p. 171), assim também, a fé do cristão mora no coração da Igreja e a fé da Igreja inhabita o coração do cristão. Em outros termos, por um lado, o cristão, ao expressar e testemunhar a sua fé pessoal, expressa e testemunha, ao mesmo tempo, a fé da Igreja; ou seja, é uma fé pessoal eclesiológica – com ressonâncias da comunidade cristã. Por outro lado, a Igreja, nos seus ensinamentos, espiritualidade, oração e em todas as outras áreas vai expressar a fé dos seus membros – *sensus fidelium*.

O “eu creio” e o “nós cremos” são duas faces da fé cristã, pois, no “eu creio” está contido o “nós cremos” e vice-versa. Na sua Encíclica *Lumen Fidei* (n. 14), o Papa Francisco enfatiza que “o ato de fé do indivíduo insere-se numa comunidade, no ‘nós’ comum do povo [o superego ou o grande ‘eu’ comunitário], que, na fé, é como um só homem: ‘o meu filho primogênito’”. Sendo assim, cada cristão está incluso e enxertado na vocação e missão de Israel para formar um povo – Povo de Deus, assim como explicita Füglistler (1975, p. 11), citando *Nostra Aetate* (n. 4): “todos os fiéis cristãos, filhos de Abraão segundo a fé (cf. Gl 3,7), estavam incluídos no chamamento do mesmo patriarca e que a salvação da Igreja estava misteriosamente prefigurada no êxodo do povo eleito da terra da escravidão”. Neste sentido, a fé cristã é mais ampla, pois ela liga o cristão com diferentes gerações,

convidando-o a cultivar a solidariedade horizontal e vertical. Assim, a solidariedade horizontal implica e se fundamenta na solidariedade vertical. Füglistter (1975, p. 63), falando sobre o israelita, mas que, ao mesmo tempo, pode ser aplicado à realidade do cristão, diz:

Não só está ligado e aliado com os 'irmãos' que com ele convivem no seu tempo (= solidariedade horizontal), mas sente-se ainda, no seu ser e agir, dependente das gerações que o precederam, e responsável pelas gerações vindouras, solidário, portanto, com os seus 'pais' e com os seus 'filhos' (= solidariedade vertical).

Assim, cada cristão deve crescer na consciência de que a sua vocação à santidade está inserida num grande mosaico. E, portanto, a fé pessoal deve se expressar na comunidade de fé, no meio dos irmãos, formando, assim, um único corpo, tendo Cristo como cabeça. Quando houver uma verdadeira harmonia, uma recíproca inquietação e uma mútua fecundação entre a fé pessoal e a fé da Igreja, o cristão nunca se sentirá perdido, ofuscado e nem sufocado pela Igreja. Também a comunidade de fé crescerá na sua missão de ser santuário, instrumento e sacramento universal de salvação no meio e para o mundo.

Conclusão

Ao longo da reflexão, articulou-se, neste artigo, a relação entre a fé eclesial e a fé subjetiva do cristão. Nesse percurso, foi necessário falar sobre o problema do desencanto pela comunidade de fé, a Igreja, que existia mesmo nas primeiras comunidades cristãs. Discorreu-se também sobre os efeitos do abandono da comunidade para vivenciar uma espiritualidade cristã intimista; tal intimismo da fé cristã carrega consigo um cristianismo a-trinitário, a-histórico e, por conseguinte, a-eclesial. No entanto, a fé cristã não é uma construção individual; antes, ela é uma

construção histórica, comunitária e que tem uma dimensão misteriosa fundamentada na Santíssima Trindade (LG, n. 1-4).

Ademais, Reinert (2021, p. 21) afirma que “as comunidades eclesiais são, por vocação, lugares privilegiados para fazer genuínas e verdadeiras relações eclesiais, como nas primeiras comunidades, relatadas pelos Atos dos Apóstolos (cf. At 2,44)”. Assim, a consciência eclesial é um eficaz termômetro para sentir o nível de incidência da fé no Deus Uno e Trino no cotidiano da vida de fé do cristão. Por um lado, se o cristão ama e tem compromisso com a comunidade de fé, então é forte a incidência dos raios trinitários no seu discipulado. Por outro lado, o desencanto pela Igreja revela uma falta do embasamento pericorético no seu ser cristão.

A comunidade eclesial, na verdade, auxilia o cristão na sua busca pela experiência com a pessoa de Jesus Cristo. Ainda, a Igreja, como comunidade de fé, se faz uma sombra frondosa e refrescante para o cristão descansar e restabelecer suas forças para continuar a caminhar; a comunidade de fé leva o cristão pela mão para os prados e campinas verdejantes do conteúdo da fé. A Igreja é, na verdade, o contexto vital do cristão – as suas raízes. No mesmo sentido, o cristão, ligado às suas raízes, não deve se contentar com o mínimo, mas deve partir para aprofundar a sua fé pessoal, para enriquecer a fé da comunidade. Assim, haverá interpenetração e mútuo crescimento entre a fé eclesial e a fé pessoal. Por fim, parodiando São Tiago (2,18-22), mas sem a pretensão de cair num eclesiocentrismo, pode-se dizer ao cristão eclesiofóbico: ‘mostre-me a tua fé sem amor à tua comunidade e eu, amando a minha comunidade, mostrar-te-ei a minha fé’.

Referências

ALMEIDA, Antônio José de. **Sois um em Cristo Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BARREIRO, Álvaro. **Igreja, Povo Santo e Pecador**: estudo sobre a dimensão eclesial de fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja. São Paulo: Loyola, 2001.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOMILCAR, Nelson. **Os sem-igreja**: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**: o que significam as relações trinitárias na vida da sociedade? São Paulo: Cidade Nova, 2000.

CARVALHAL, Antônio Carlos de Oliveira. **Comunicação comunitária**: uma releitura dos principais conceitos. 2010. 158f. Tese de Mestrado (Faculdade de Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre.

CATECISMO da Igreja Católica. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2017.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 37-117.

FORTE, Bruno. **A Trindade como História**: ensaio sobre o Deus cristão. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Lumen Fidei* do Sumo Pontífice Francisco aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit***. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 4 jul. 2021.

FÜGLISTER, Notker. Formas de existência da ekklesia do Antigo Testamento. In: FEINER, J.; LOEHRER, M. (Org.). ***Mysterium Salutis***: compêndio de dogmática histórico-salvífica. IV/1. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 11-78.

JUNIOR. **Uma Única Igreja.** Disponível em: <https://convempregar.com/index.php/2018/08/11/aperfeicoados-na-unidade-02-uma-unica-igreja>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LAENDER, Nadja Ribeiro. **A construção do sujeito contemporâneo.** Cogito. Salvador, v. 6, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792004000100019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jul. 2021.

MIRANDA, Mario de França. **A Igreja que somos nós.** São Paulo: Paulinas, 2013.

ORDUNA, R. Rincon; BARTRES, G. Mora; AZPITARTE, E. Lopez. **Práxis Cristã: moral fundamental.** São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

REINERT, João Fernandes. **Trindade: mistério de relação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

SILVA, Maria Freira da. Sobre o Termo Pericórese. **Revista de Cultura Teológica.** Ano IV, n. 14, p. 19-38, jan/mar. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i14.14256>. Acesso em: 15 jul. 2021.

TAVARES, Sinivaldo S. **Trindade e criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.